



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios Mirante e Educadora
São Luís-MA, 10 de dezembro de 2009**

Jornalista: Presidente, qual é a expectativa? Esta é a segunda vez que o senhor está voltando ao Maranhão, volta a São Luís, volta em uma situação totalmente adversa àquela situação em que o senhor teve aqui pela última vez, que era uma situação de calamidade, onde várias cidades estavam inundadas. Qual é o parâmetro que o senhor traça agora, nesta segunda vez em que o senhor vem, agora, assinar convênios e inaugurar projetos que estão sendo feitos em parceria com o governo do estado?

Presidente: Bem, a verdade, Silvan... Deixa eu aproveitar e já cumprimentar o nosso companheiro Roberto Fernandes, da Rádio Mirante AM, e dizer para você, Roberto... Primeiro, um bom dia aos ouvintes da Rádio Educadora. Dizer para você que as intempéries estão fazendo com que os seres humanos e, sobretudo, os governantes, comecem a pensar com mais seriedade na questão do clima, ou seja, o que está acontecendo no mundo? É verdade que eu vim ao Maranhão pouco tempo atrás, quando teve a maior cheia, não sei se da história do Maranhão, mas eu nunca tinha visto tanta água. Eu viajei quase 40 minutos... uma hora de helicóptero, e pouco, só vendo água, parecia que não tinha terra. Faz quatro meses e meio, eu recebo o governador do estado do Amazonas, com fotografias do alagamento de Manaus, a maior cheia do rio Amazonas desde 1953. Passados quatro meses e meio, faz dez dias, eu fui a Manaus, a maior seca da história de Manaus, o rio está vazio. Então, tem, efetivamente, alguma coisa de anormal acontecendo no Planeta e nós, então, precisamos tomar muito cuidado.

Por isso nós vamos a Copenhague na próxima semana discutir com os



países ricos como cada um [vai] tomar atitude, assumir responsabilidade para a gente cuidar um pouco do Planeta, porque só temos ele. Se os homens tivessem descoberto vida na Lua, quem sabe, Roberto, você estivesse me entrevistando da Lua agora. Mas eles não detectaram nem oxigênio lá, então vamos ficar por aqui mesmo, que é o nosso pedacinho, e vamos cuidar bem disso aqui.

Olhe, eu venho aqui hoje discutir o futuro. Na verdade, nós estamos vindo aqui para assinar contratos do programa Minha Casa, Minha Vida. Já foram assinados praticamente 20 mil contratos entre a Caixa Econômica, o estado do Maranhão e muitos empresários. Nós, hoje, vamos assinar um contrato de mais de 5 mil e poucas casas aqui no Maranhão. E eu... Vamos visitar a inauguração da fábrica de alumínio. Mas eu quero vir aqui no mês que vem, talvez em janeiro, talvez em fevereiro, porque eu tenho um desejo enorme de ligar a máquina que vai começar a terraplanagem da maior refinaria já feita na história do nosso país. A refinaria será uma refinaria de 600 mil barris/dia, portanto, uma refinaria que vai demandar um investimento no estado do Maranhão de R\$ 40 bilhões, o que é, talvez, o maior investimento já acontecido em toda a história do Maranhão, e acho que no Brasil hoje ainda não temos nenhum investimento chegando perto disso, a não ser o pré-sal, os investimentos da Petrobras que demandam US\$ 174 bilhões, até 2013. Eu penso que isso vai mudar a cara do estado do Maranhão, vai mudar definitivamente a cara do estado do Maranhão, porque será uma refinaria *premium*, uma refinaria que vai produzir combustível de melhor qualidade para a gente exportar. Mas, certamente, atrás de uma refinaria dessa magnitude, atrás de um investimento dessa magnitude... Nós já estamos fazendo reforma no porto de Itaqui, com dragagem, com muitos investimentos, recuperando os berços do Porto, para que o Porto esteja preparado para as grandes exportações que o estado do Maranhão vai fazer. E isso faz parte de uma estratégia do governo de fazer com que o Nordeste brasileiro suba alguns



degraus na escala de oportunidade deste país. Nós achamos que é plenamente possível, dentro de mais dez anos, o Nordeste estar mais ou menos equiparado ao Centro-Sul do País na oferta de universidades, na oferta de escolas técnicas, na oferta de empregos e na oferta de oportunidades.

Nós temos uma decisão de governo de que não era possível o Nordeste continuar sendo a parte pobre do País. Não pensem que foi fácil a gente decidir fazer uma refinaria no Maranhão, fazer uma refinaria no Ceará, fazer uma refinaria em Pernambuco, porque as pessoas querem tudo para as regiões que já são ricas, e nós achamos que cabe ao governo federal induzir os investimentos públicos para as regiões que mais precisam.

Então eu venho aqui, hoje, em uma posição muito mais confortável, ou seja, primeiro, anunciar investimento de muitas casas, é o maior programa habitacional da história do País. Só para você ter uma ideia: o governo que mais fez habitação no País, o momento em que a Caixa Econômica mais construiu casas e contratou foi no governo Figueiredo, foram 436 mil casas. No nosso governo, nós já passamos o governo Figueiredo, não está contabilizado 2009, não está contabilizado 2010, e nós lançamos o Programa Minha Casa, Minha Vida em março deste ano. Portanto, quando for contabilizar, vai ter que contabilizar 1 milhão a mais de casas que nós queremos fazer. E se os empresários brasileiros estivessem preparados, a gente poderia fazê-las em dois anos, porque dinheiro nós temos para fazer as casas. O que precisa é preparar os empresários brasileiros que ficaram muito tempo sem ter demanda, portanto, não estavam habituados às grandes demandas do governo, e agora nós estamos exigindo que governo, Caixa Econômica Federal, empresários e sociedade se preparem, porque o Brasil vai crescer, definitivamente, e nós vamos nos transformar em uma grande economia mundial. E o Maranhão fará parte desse crescimento, não haverá mais nenhum estado esquecido pelo governo federal. Todos terão oportunidade de se desenvolver, gerar empregos, gerar renda e melhorar a vida das pessoas.



Jornalista: Já que o senhor anunciou a refinaria, já deve receber da governadora do estado (incompreensível), um relatório de impacto ambiental, o senhor também poderia aproveitar que estamos na Semana da Marinha e anunciar também que a 2ª Esquadra, a base naval vem para o Maranhão também, não é, Presidente?

Presidente: Olhe, eu não posso prometer as coisas que ainda não foram discutidas. Mas nós temos aqui em Alcântara a nossa base espacial. Nós pretendemos, no próximo ano, lançar o Cyclone-4 na empresa binacional, entre o Brasil e a Ucrânia. E outros projetos, porque tudo começa assim, tudo começa com o primeiro projeto. Na medida em que você começa a ter um projeto, na medida em que você começa a fazer escolas técnicas, na medida em que você começa a fazer universidades, você vai percebendo que vai começando a crescer a demanda. Primeiro, começam a vir alunos de fora para estudar aqui, porque antes eram os daqui que iam para fora. Depois começa a melhorar um hotel, depois vem uma pensão, depois vem um restaurante, depois vem uma pequena fábrica, uma média fábrica, uma grande fábrica, o porto começa a crescer, as exportações começam a crescer. O que nós não temos o direito é de permitir que haja retrocesso nesse processo de desenvolvimento que o Brasil está definido a fazer a partir de agora.

Ainda ontem, em Brasília, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o Presidente do Banco de Desenvolvimento Nacional, o BNDES, estava presente a ministra Dilma, estava presente eu, quando nós anunciamos um novo ciclo de desenvolvimento. Todos aqueles produtos que foram desonerados para ativar a economia na época da crise, nós mantivemos a desoneração até junho do próximo ano. Nós resolvemos facilitar mais o crédito, criar condições de os bancos privados também fazerem empréstimo de longo prazo. Colocamos mais R\$ 80 bilhões no BNDES para financiar o desenvolvimento do País.



Portanto, eu penso que o Brasil está em uma situação em que a gente, pelo menos uma vez na vida, pode acreditar que desta vez o Brasil não será mais chamado de Brasil do futuro. Ou seja, o futuro já está acontecendo hoje e amanhã neste país.

Jornalista: Presidente, o senhor sempre disse, desde o começo do seu governo, que há uma dívida muito grande, uma dívida social enorme no País, principalmente com as pessoas carentes, as pessoas de baixo poder aquisitivo. Esses programas sociais, que o senhor está vindo hoje aqui, entregando projetos habitacionais, e fora os programas sociais que o senhor tem feito no País, o senhor diria, nesse momento, que a gente já reparou, o governo já reparou uma parte dessa dívida social para com a população do País?

Presidente: Olha, eu penso que nós estamos com um bom começo. Quando eu pergunto ao ministro Lobão e ele me dá os números oficiais do Ministério de Minas e Energia, que aqui no estado do Maranhão nós conseguimos levar energia elétrica ao campo, para 1 milhão e 100 mil pessoas, o que significa aproximadamente 250 mil famílias, você começa a subentender que cada família dessas, ao receber luz elétrica, ela vai comprar uma televisãozinha – afinal de contas, todo mundo quer ver o Corinthians jogar, né? –, ela vai comprar uma geladeirinha, ela vai comprar um liquidificador, se estiver muito calor ela vai comprar um ventilador. Quando a gente vê um programa como esse acontecer... e já atendemos praticamente 11 milhões de pessoas neste país. Só para vocês terem uma ideia, um número que você vai ficar meio atordoado: o programa Luz para Todos já utilizou 1 milhão de quilômetros de fio; 5 milhões de postes; 800 mil transformadores. O resultado disso tudo é que as lojas venderam 1 milhão e 600 mil televisores; venderam 1 milhão e 470 geladeiras, 1 milhão e 470 mil geladeiras; venderam praticamente 1 milhão de aparelhos de som, tudo por conta do programa Luz para Todos. Então, se você



soma esse programa, você soma o Bolsa Família, você soma o ProUni, você soma o Pronaf, você soma o Crédito Consignado, você vai perceber que nós ainda estamos longe de fazer tudo aquilo que precisa ser feito para fazer reparação de 500 anos, ou se você quiser, 100 anos, ou se você quiser, 50 anos... Mas você não consegue reparar 100 anos em oito anos, é preciso que você tenha pelo menos uma geração para que você possa recuperar o direito de os brasileiros se sentirem mais orgulhosamente brasileiros, porque todos estarão participando do desenvolvimento deste país.

Hoje as pessoas já estão sorrindo mais felizes, as pessoas já estão com mais autoestima, as pessoas estão acreditando nas coisas que estão acontecendo no Brasil, mas ainda falta muito, obviamente, falta muito. Mas eu acho que nós já demos um passo extremamente importante que não tem mais volta. Não existe mais possibilidade de retroceder. Antigamente, um governo fazia um degrau de uma escada, chegava outro e desmontava aquele degrau, para dizer: “Não, foi meu adversário que fez, eu vou desmontar o degrau porque eu não quero esse degrau”. Fazia outro. Ainda ele estava fazendo o primeiro, chegava outro governo, desmontava outra vez, ou seja, essa escada nunca tinha um segundo degrau. Quem vier agora, depois de mim, não tem condições políticas de retroceder. Ou ele fará mais do que eu, ou a história vai registrar que um torneiro mecânico fez mais do que os doutores deste país. Eu já sou o presidente da história do país que mais fez universidades, já sou o presidente da história do país que mais fez escolas técnicas e, portanto, eu acho que qualquer um que vier depois de mim vai falar: “Não, eu preciso ganhar deste peão”, e vai ter que trabalhar muito mais.

Eu acho isso ótimo, porque quem vai ganhar é o povo brasileiro.

Jornalista: O senhor falou no programa do partido, durante a semana, na televisão, exatamente sobre isso, que o senhor gostaria de continuar contribuindo com o País, para que essas políticas pudessem sofrer



continuidade. E sugeriu, evidentemente, que essa continuidade pudesse ser exatamente, pelo menos assim entendi, com a ministra Dilma. O que seria, então, esse governo de continuidade, exatamente para tentar recuperar esses 100 anos que o senhor disse que em oito não é possível?

Presidente: Veja, nem em oito, nem em mais oito, ou seja, você tem como processo de recuperação de uma nação... Se você estudar corretamente o que acontecia no Nordeste nos últimos 100 anos ou nos últimos 50 anos, você vai perceber que o Nordeste brasileiro foi tirado para fora do mapa do Brasil, para efeito de política de investimento do governo federal. Aqui ou ali surgiu uma empresa, mas não tinha um programa indutor, um planejamento oficial de levar ao Nordeste brasileiro e ao Norte do País as mesmas oportunidades que se levava para o Sul ou para o Sudeste brasileiro. Por quê? Porque partia-se do pressuposto que lá no Sul e no Sudeste você já tinha mercado, partia-se do pressuposto que lá no Sul e no Nordeste... no Sul e no Sudeste você já tinha tecnologia, já tinha mão de obra qualificada. Então, em vez de você distribuir os investimentos para que o Brasil crescesse de forma uniforme, você ia centralizando cada vez mais o desenvolvimento em uma mesma região e deixando a outra região esquecida.

Se vocês pegarem o estudo do IBGE, vocês vão notar o quê? O Nordeste brasileiro é a região do País que tem menos doutores, que tem menos mestres, que tem mais analfabetos, que tem mais desnutrição, que tem mais mortalidade infantil. Ora, por quê? Porque se esqueceu do Nordeste durante um século, e agora nós temos que recuperar isso. Você pode levar uma geração – quando eu falo em uma geração, é mais ou menos 20 anos – você priorizando as políticas de investimento no Nordeste.

Quando a gente vai levar uma siderúrgica para o Ceará – na próxima semana eu tenho que ir lá para começar a terraplanagem da siderúrgica –, quando você vai levar uma refinaria, quando você faz adaptação nos portos



para que eles possam receber navios de grande calado, o que vai acontecer? Aí a indústria percebe que você tem a infraestrutura correta e que você tem mão de obra qualificada, porque essa é a chave. Ou seja, é você formar as pessoas aqui, para que os investimentos que vierem para o Maranhão gerem empregos aqui no Maranhão para filhos e filhas do Maranhão. Não é trazer os especializados de outra região, é formá-los aqui. É por isso que nós estamos fazendo cinco novas escolas técnicas, é por isso que estamos fazendo universidade. Para quê? Para que a gente possa garantir a oferta de um bem sagrado, que é mão de obra qualificada. E isso, com infraestrutura, vai atrair investimentos.

Se você pegar a Ferrovia Norte-Sul, você vai perceber o seguinte: desde que o Sarney anunciou a Ferrovia Norte-Sul –, ele anunciou em [19]87, deixou o governo em 1990 – o Sarney fez, mais ou menos, 115 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul, e eu era um grande opositor da Ferrovia Norte-Sul, eu fiz muitos discursos contra a Ferrovia Norte-Sul, eu e muitos outros, gente do governo hoje. Ora, passou o tempo, veio o Fernando Henrique Cardoso, passou o Collor, passou o Itamar, todos eles juntos fizeram mais 215 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. Nós, em oito anos, vamos fazer mais de 1.500 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul, e já estamos com o projeto sendo elaborado para levar a Norte-Sul até Estrela d'Oeste, em São Paulo. Portanto, você vai ligar o Porto de Itaqui ao Porto de Santos, e depois nós vamos fazer a Ferrovia Leste-Oeste na Bahia, ligando o Porto de Ilhéus à Ferrovia Norte-Sul.

Então, você vai interligar o País com ferrovias, como já interligamos com linhas de transmissão de energia elétrica. E aí este país, quando um empresário alemão, um sueco, um americano, um inglês quiser pensar em investimentos no Brasil, ele vai começar a perceber que existem outros estados oferecendo infraestrutura, mão de obra qualificada, portos e aeroportos tão qualificados quanto em qualquer lugar do Brasil. Aí você vai começar a escolher outros lugares, porque todo mundo sabe que nós precisamos



descentralizar o desenvolvimento para tornar o Brasil mais igual e mais justo.

Jornalista: Presidente, o senhor, esta semana, encaminhou ao Congresso o projeto que considera crime de corrupção como crime hediondo. O que houve? O que deixou o Lula irritado, a exemplo do que aconteceu com todos os brasileiros, o esquema do mensalão de Brasília?

Presidente: Não se trata de uma mera irritação. Veja, nós sempre dissemos que era preciso fazer uma reforma política no país, porque parte do processo de corrupção que a gente vê normalmente está ligado à questão de caixa dois de campanha eleitoral, e normalmente está ligado a uma estrutura política arcaica, superada. Só o governo, não era obrigação do governo mandar, porque isso é uma coisa dos partidos políticos, e é uma coisa do Parlamento, mas pelo fato de os partidos não discutirem lá, só o governo já mandou duas propostas de reforma política. E a principal delas, na minha opinião, é o financiamento de campanhas políticas com dinheiro público. É muito mais barato e muito mais limpo. Na minha opinião, precisava ser crime pegar dinheiro de empresários para fazer campanha. Então, o estado financiaria a campanha, cada eleitor valeria tanto. Não sei a quantidade de dinheiro, mas você teria uma campanha limpa, cada partido receberia proporcionalmente ao seu tamanho uma quantia em dinheiro. Quem iria fiscalizar o partido eram os próprios membros do partido, porque o deputado que se sentisse prejudicado iria denunciar ao partido, brigar com o partido. Todos teriam que ter... se um tem dez panfletos, todos teriam dez panfletos; se um aparecesse na televisão por trinta segundos, todos teriam que aparecer. Nós iríamos democratizar e moralizar. Isso não vota no Congresso. Lamentavelmente, não vota. Porque, eu não sei por que encrua tanto no Congresso essa discussão da reforma política.

Ora, eu, então, tomei a atitude, reuni o ministro da Controladoria-Geral



da República, reuni o ministro da Justiça, reuni a Advocacia-Geral da União, reuni os advogados da Casa Civil, e resolvi tomar uma decisão de acabar com uma coisa que a sociedade brasileira se queixa muito: a impunidade. O cidadão que pratica corrupção contrata um bom advogado, o processo dele fica trinta anos na Justiça e prescreve, ele não é nem condenado. Ora, então, o que nós resolvemos, qual a punição? É transformar a corrupção – nas esferas de mais alto escalão da República, vai de prefeito a vice-prefeito, de presidente a vice-presidente, da Suprema Corte do Ministério Público, do Tribunal de Contas da União, do Poder Legislativo, em todas as instâncias, quem tem poder de decisão. Você não vai querer pegar o funcionário lá embaixo, o “bagrinho”, você vai querer pegar quem tem poder de mando – transformar em crime hediondo, inafiançável. Se você mata uma paca hoje, é crime inafiançável. Por que roubar um bilhão não é crime inafiançável? Então, nós queremos ver, se o Congresso aprovar esse projeto de lei, a gente vai... E isso vale para o corrupto e para o corruptor, porque a moeda tem duas caras: tem uma que aceita, mas tem uma que dá. Então, os dois têm que ser punidos, de forma categórica. Se as pessoas quiserem continuar roubando, que roubem, mas sabem que se pegar, não vai ter aquela de advogado liberar ou não na hora em que ele chegar na cadeia. Vai ser um pouco mais difícil.

Então, eu espero que o Congresso Nacional aprove, para que a sociedade brasileira comece a ter mais confiança na política. Eu acho a política uma arte muito nobre. Um deputado, para ele ser deputado, ele vai pedir votos na rua. Para ele se reeleger, ele tem que pedir votos outra vez. Não é uma tarefa fácil, não é uma tarefa simples.

Então, eu acho que é importante todo mundo poder andar de cabeça erguida neste país. É muito mais fácil as pessoas serem boas, as pessoas serem honestas. Ontem, em um filme que eu assisti lá, feito pelas Nações Unidas, tem uma entrevista de um menino, que ele fala uma coisa tão simples, Roseana, tão maravilhosa. Ele fala o seguinte: “O cara que não pratica a



corrupção é um cara legal”. É isso. Nós poderemos criar uma sociedade de homens e de mulheres legais, ao ver... ao olhar das crianças.

Então, eu penso que foi uma medida justa que nós tomamos, eu espero que o Congresso leve isso para a frente, que vote. Se fosse uma coisa que pudesse fazer por decreto, eu faria por decreto. Mas é uma coisa tão importante, que tem que ser feita por força de lei, para que todos assumam responsabilidade. Não é um desejo do presidente Lula. É um desejo de toda a sociedade que essas coisas aconteçam. Então, eu fiz essa medida. Estavam presentes lá todas as autoridades – o Ministério Público, o Tribunal de Contas, a Suprema Corte – estava todo mundo lá, foi anunciado, teve uma boa repercussão nas instituições. Porque todo mundo, todo mundo, na verdade, está enojado com tantas denúncias.

Jornalista: Presidente, o senhor já anunciou que o projeto nacional seria importante e o PT deveria priorizar as alianças com o PMDB. Em alguns estados, essa situação está um tanto quanto crítica. Ontem, no Rio, a coisa complicou; em São Paulo tem três candidatos, já anunciou o próprio Ciro; na Bahia o clima também está assim; no Maranhão sequer se conseguiu concluir a apuração do diretório estadual. Nesses estados, como é que vai a coisa... Vamos ter dois palanques para o presidente Lula?

Presidente: Se a política fosse uma coisa fácil, não se chamaria política. É por isso que não tem curso na universidade para ensinar política. Você tem curso de sociólogo, que não ensina muito. A política é uma coisa que você aprende na arte da sobrevivência, no exercício do mandato, desde uma Câmara de Vereadores até a Presidência da República. E fazer política em um processo democrático, conviver democraticamente na diversidade é uma tarefa de sábios, de gênios. Porque, veja, qual é o correto na política, o que seria bom na política? Seria ótimo se cada partido político tivesse força de, sozinho, eleger



presidente da República, eleger maioria no Senado e na Câmara, eleger maioria de governadores, eleger maioria de prefeitos e maioria de vereadores. Seria maravilhoso você não precisar de ninguém, acontecer o que aconteceu na Bolívia agora: o Evo Morales fez maioria na Câmara e no Senado.

Ora, mas o Brasil é um país mais complicado, é um país maior, é um país que tem mais organização política, e nós temos que respeitar os eleitores. Os eleitores que votam em mim têm que ter a mesma credibilidade minha que têm dos que votam nos outros. Não é que o meu eleitor seja melhor do que o outro que votou no outro. Eu não conquistei o voto porque eu não tive capacidade de convencimento, ou o outro teve mais do que eu. Então, se o eleitor é o mesmo, se o povo é o mesmo, e nós temos muitos partidos políticos, e nós sabemos que é muito difícil um partido político fazer maioria... Vamos lembrar que em 1986, por conta do Plano Cruzado – o Sarney, presidente da República – o PMDB fez 306 constituintes, portanto, era maioria absoluta; o PMDB fez 23 governadores de estado; e, mesmo assim, o Sarney comeu o pão que o diabo amassou porque o principal adversário dele era o próprio PMDB.

É democracia, meu filho. É democracia, é o interesse regional, é o interesse partidário. Então, é melhor, em vez de você viver de ilusão, é melhor você, então, estabelecer uma lógica de convivência democrática, construindo alianças políticas com pessoas que estejam compromissadas a cumprir o mesmo programa. As pessoas não têm que estar ideologicamente afinadas. Se fosse assim, se fosse assim, nem casamento daria certo. Você imagine um corintiano casado com uma palmeirense. Então, você tem que estabelecer regras de convivência...

Jornalista: (incompreensível) do filho do são-paulino...

Presidente: ...limites de convivência, para que você possa construir alianças políticas. O PT já tem uma história no Maranhão. O PT não tem que inventar



mais nada, o PT já sabe da sua força no Maranhão. Portanto, o PT não tem que ficar sonhando com o que ele não tem. Tem que imaginar o que ele tem, é a partir da realidade. Quem quiser fazer política com o pé no chão, faça. Quem quiser ficar na estratosfera, fique. Eu sou muito pragmático em política. Aprendi a ser pragmático em política, porque quando você chega à Presidência da República, você tem que construir a maioria. E aí você não acha, você não pensa, você não imagina; você faz ou não faz. Aí, quando eu quero votar um projeto de lei, eu tenho que saber se eu tenho os votos necessários para votar, e eu tenho que conversar com todos os deputados, porque o voto não é ideológico. Um deputado de direita tem o mesmo voto que um deputado de esquerda, um deputado que foi eleito com 3 mil votos tem o mesmo voto de um deputado que foi eleito com 1 milhão de votos e, portanto, você tem que conversar com quem tem voto. Não se trata de ter amigos ou não ter amigos. Não se trata de ter afinidade ideológica ou não ter afinidade ideológica. Trata-se do pragmatismo da governança. Isso vale para mim na política e vale para cada um de vocês na casa de vocês. Vocês só conseguem dar para o filho de vocês o resultado do salário que vocês trabalham. Vocês não podem dar tudo o que vocês querem dar, vocês dão o que podem. E assim que é a lógica da vida. E, por isso, eu sofro menos, porque faço as coisas com muita realidade. Eu, para sonhar, eu sonho quando eu me deito. Acordado, eu gosto de fazer as coisas com os olhos abertos para não me iludir.

Jornalista: Presidente, “Lula, o filho do Brasil” é o filme, e esta semana... Bom, o filme está aí, foi lançado, e algumas críticas surgiram. Nesta semana, o governador de São Paulo, José Serra, conversava comigo e ele disse: “Olha, o filme ‘Lula, o filho do Brasil’ nada mais é do que para ajudar a ministra Dilma Rousseff”, que está aqui presente, e eu aproveito para que o senhor possa falar alguma coisa em torno desse comentário, presidente Lula, do governador José Serra.



Presidente: Primeiro, se ele falou isso, é de uma pequenez que não dá nem para medir. Não tem instrumento de medição que meça uma pequenez dessas. Primeiro, porque a Dilma não aparece no filme. A única possibilidade de a Dilma estar no filme é ela ir assistir, como o Serra pode assistir, como todos podem assistir. O filme é, na verdade, a história da minha mãe. Não é nenhum filme do Lula. Agora, eles poderiam fazer um filme deles. Em vez de ficar reclamando, façam um. Encontrem um cineasta que resolva bancar, sem dinheiro público, o filme.

O filme é a história da minha mãe. Eu fui ver o filme, achei extraordinário. Eu me vi ali, na minha infância. E bem, gente, o filme está sendo trabalhado há quase três anos. Em algum momento ele vai [ia] ter que ser lançado. Não podia lançar em 2006 porque tinha eleições presidenciais. Não pode lançar em 2010 porque tem eleições presidenciais. Então, não vai ter filme nenhum neste país.

Ora, vamos deixar de pequenez política. Tem milhares de filmes entrando no cinema todo santo dia, toda santa semana, e eu espero que o Serra vá assistir com a família inteira, para ele ver.

Jornalista: Presidente, eu sei que o senhor já tem uns compromissos para cumprir aqui, na sua agenda, mas tem uma pergunta que eu acho importante. O senhor tem uma política de recuperação do salário mínimo. Está previsto para janeiro R\$ 505, me parece, o valor do salário mínimo, pelo projeto que o senhor lançou. Mas, nesse período em que tivemos a recuperação do salário mínimo, os benefícios dos aposentados ficaram para trás. Não há nada a ser enviado para tentar recuperar isso para os aposentados?

Presidente: Eu penso que nós temos que ter clareza do seguinte, Roberto. Você acha – olha bem para mim, Roberto –, você acha que tem no Brasil



algum deputado e algum senador que tem mais afinidade com os trabalhadores do que eu?

Jornalista: Não.

Presidente: Você acha que alguém gostaria de ajudar mais os aposentados do que eu? É como você com os teus filhos: não tem ninguém que goste mais dos teus filhos do que você. Nem você, Silvan. Agora, você só pode dar para eles aquilo que você pode dar. Você, como pai, tem que ter coragem de chegar no dia de Natal – seu filho pediu um presente – e você não mentir para ele. Você dizer: “Meu filho, eu não posso dar, o pai não tem dinheiro agora. Quem sabe, no mês que vem eu tenha; quem sabe, no ano que vem eu tenha, mas eu não tenho agora”. Você não pode prometer para ele.

Veja, o que é que acontece? Nós resolvemos tomar a atitude de recuperar o salário mínimo porque o salário mínimo estava muito defasado ao longo da história. É só importante você lembrar que quando nós entramos no governo, o salário mínimo era de US\$ 89. É só você lembrar que ele comprava apenas 80% de uma cesta básica. Hoje ele compra duas cestas básicas ou mais, e ainda sobra dinheiro para o trabalhador fazer alguma coisinha. Então, nós adotamos uma política de recuperar o salário-mínimo, e mandamos um projeto de lei, que está na Câmara para ser votado, que até 2023 o salário-mínimo, além da inflação, ele teria o crescimento do PIB. Ou seja, se o PIB for negativo, ele não vai ter, mas se o PIB for positivo, ele vai ter, que era um jeito de você recuperar. Ora, no Brasil, não é correto a gente vincular o salário-mínimo (incompreensível) nada. “Eu ganhava dez mínimos”, “eu ganhava quinze mínimos”, não é possível fazer isso.

Os aposentados que ganham mais de um mínimo, quem ganha um mínimo e meio também ganha pouco. O que nós estamos discutindo? A possibilidade – e isso depende da verba que a gente tenha na Previdência,



porque a Previdência é dos trabalhadores, não é minha, a Previdência é dos trabalhadores. Na hora em que você tiver dinheiro, que você possa dar um reajuste, que isso não seque o poço e você não tenha um déficit muito grande, você pode dar. Mas você não pode estabelecer como regra que os aposentados terão o mesmo aumento de salário que a gente quer dar para os aposentados de salário-mínimo. Porque, no meu governo, os aposentados não tiveram nada de prejuízo. Se tem um governo que repôs os prejuízos da inflação aos trabalhadores e manteve o poder aquisitivo, foi o meu governo. Agora, eu acho que eles ganham pouco. E nós estamos estudando a possibilidade de fazer um acordo com as centrais sindicais e aprovarmos alguma coisa para melhorar a vida desse aposentado também.

Agora, eu só tenho um ano de mandato, Roberto. Eu tenho que ser responsável e não fazer uma coisa que quebre a Previdência, que são os trabalhadores que pagam. E eu quero fazer isso junto com eles, eu não quero fazer sozinho. Se a gente encontrar um jeito de fazer as coisas, e fazer com que os trabalhadores possam ter um ganho, eu vou fazer. Eu vejo alguns senadores defendendo o aposentado, eu vejo alguns deputados que não têm nada a ver com o trabalhador. Não tem nada a ver. Eu, quando eu deixar a Presidência, sabe para onde eu vou voltar? A 600 metros do sindicato que me criou para a política. Vou ouvir eles gritarem todo dia no meu ouvido. Vou ouvir eles fazerem as assembléias na porta da Volkswagen, que me acorda às 5h da manhã... Aí eu vejo algumas pessoas defendendo os trabalhadores, que nunca nem viram um trabalhador de perto, só veem no palanque, em época eleitoral. (incompreensível) é um bichinho esquisito. Então, eu quero ser justo. Mas eu também não posso deixar de ser responsável.

Jornalista: Presidente...

Presidente: ... Eu, muitas vezes, conto uma história na minha vida que é triste,



mas eu conto. Eu não me esqueço nunca um dia que o meu filho, o caçula Luís Cláudio, chegou na minha casa e falou: “Pai, toda a minha classe vai para Miami, visitar a Disneylândia”. Ele foi o único aluno que não foi. E eu tive coragem de dizer para ele que eu não tinha dinheiro para mandá-lo, sem esperar que um moleque de dez anos compreendesse. Mas eu tive coragem de dizer: Você não vai porque eu não tenho dinheiro. Poderia até ter feito uma dívida e ter mandado, mas eu achei justo não mandar. Ele hoje tem 24 anos. Não sei se ele tem a mágoa que eu tenho, de quando eu tinha dez anos de idade, das frustrações que eu tive. Mas é o jeito. É melhor a gente ser honesto e falar a verdade do que a gente contar uma mentira que tem perna curta e amanhã a gente não poder cumprir o que a gente prometeu.

Então, eu acho que a relação entre o governante e o povo tem que ser a mais verdadeira possível. Quando você pode dar, você dá; quando você não pode, você diz que não pode. Quando tem uma desgraça, você não tem que correr; você tem que ir lá para junto do povo. É assim que eu governo o País. Agora, pode ficar certo: se houver possibilidade de ajudar, não vai ser ninguém que vai ajudar, não. Vou ser eu que vou ajudar, porque eu conheço bem a vontade, conheço bem a reivindicação e conheço as limitações. E, nesse aspecto, eu sou muito sério: eu nunca comprei uma coisa que eu não pudesse pagar. E, como Presidente, eu faço do mesmo jeito: eu nunca prometo aquilo que eu não posso cumprir. É melhor assim porque o povo está com o saco cheio de promessas não cumpridas.

Jornalista: Presidente, com a pré-candidatura da ministra Dilma Rousseff existem muitas especulações com essa aliança com o PMDB. Eu vi dias atrás, na coluna do Noblat, a possibilidade de a Ministra ter como vice, na sua chapa, o Michel Temer, e vi também, no comentário, o nome do ministro Edison Lobão. E aí?



Presidente: Olha, primeiro, quando a Dilma estiver oficializada candidata, aí você vai fazer essa pergunta para ela, porque quem escolhe o vice, no mínimo, é a candidata. Você imagine se eu, já tendo indicado ela, vou me meter a indicar os outros.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Lógico. Veja, primeiro, eu defendo a ideia de que o vice seja dos partidos aliados. Segundo, o PMDB é o maior partido aliado que compõe a base do governo. É um partido que está espreado em todo o território nacional, então, tem todo o direito de exigir a Vice [Presidência]. Agora, eu acho prematuro a gente ficar discutindo nome, seja quem quer que seja, porque o correto não é nem o PMDB impor um nome só. O correto é o PMDB discutir dentro do PMDB e indicar três nomes para a ministra Dilma, para que ela possa escolher. Porque isso é que nem casamento, meu filho, isso é que nem casamento. Quem vai casar com o vice é a candidata, e você não pode empurrar para ela alguém que não tenha nenhuma afinidade com ela, porque aí será a discórdia total, não é? Nós não tivemos um caso assim no Pará, não sei onde, que o governador viajou, o vice assumiu e mandou embora todos os secretários? Você imagine se você tem uma loucura dessas! Então, o vice tem que ter muita afinidade com quem vai ser o titular. Até porque, na vida, o vice pode assumir. Então, é preciso que a gente saiba quem é que vai assumir.

Eu acho que o PMDB tem qualificações demais para apresentar. Os dois nomes que você citou são pessoas que têm vida política comprovada e aprovada e, portanto, a partir de março do ano que vem acho que o PMDB vai ter que tomar uma decisão junto com a Dilma. Eu nem estarei presente, para não atrapalhar.

Jornalista: Um abraço. Obrigado.



Jornalista: Obrigado, hein, Presidente.

Presidente: Obrigado, Silvan. Obrigado, Roberto. E até a próxima oportunidade.

(\$31GHJLP)